

NAVEGAR É PRECISO 30 ANOS NA LINHA D'ÁGUA

Adilson Citelli*

Dois versos: “é preciso estar atento e forte”, “Quando um muro separa uma ponte une”. O primeiro é de Caetano Veloso e Gilberto Gil, o segundo de Paulo Sérgio Pinheiro e Maurício Tapajós. Os dois têm em comum uma cena histórica: a ditadura militar. *Divino Maravilhoso* e *Pesadelo* nascem do chão estéril e duro em que botas, tanques, brucutus, cargas de cavalaria pareciam ser a única realidade visível no país governado por generais apoiados por civis de alto coturno.

Os ferozes padeiros do mal, os leiteiros do mal, não podiam impedir, contudo, que uma flor nascesse na rua, ainda desbotada, um tanto feia, mas flor; as vozes resistentes que pugnavam pelo direito de ser e dizer teimavam em congregar, comungar e agir.

No olho deste furacão nascem a APLL e a sua filha dileta, a revista *Linha d'Água*. Crista da onda, para se manter nela é preciso aprender a nadar. Deste ponto no mar, ainda é possível vislumbrar os dois lados: um olho reconhece o turvo, as profundas, as armadilhas do que está abaixo; o outro busca luz e sol e fixa a costa, sonhando o nado firme que permitirá alcançar o continente.

O chumbo dos anos 1980 continuava borbulhando: chapa quente. Eles mandavam. O vozerio, contudo, ecoava o som do desconforto, ainda um pouco tímido, pois escaldado demais, sofrido demais, afinal parado no ar continuavam gritos de dor: tem gente no viver muito perigoso, sendo presa, morrendo, voando para longe, exodus, diásporas, angústia pelo verbo sufocado. O mar agitado prossegue e, na linha da água, teimosos buscam encontrar terra firme: a luta, no momento, é para superar o murmúrio. Oito anos depois nasceria a constituição cidadã, em meio à multidão nas ruas – mais fortes são os poderes do povo –, à campanha pelas eleições diretas, pela anistia ampla, geral e irrestrita. A praça voltaria a ser de João, Maria, Benedito, José, família Silva, como o céu é das nuvens.

No sacolejo, no entrevero, no entretempo, no movimento dos barcos, na oscilação das marés, estavam os professores tentando constituir ou reconstituir as suas organizações: APEOESP, ADUSP, APLL. Os tecidos se refazendo/refazenda, as redes desatando e atando os nós que, juntamente com tantos outros nós/galos, tentavam elevar aos ares luz/balão.

* Professor da ECA/USP

Apelelista e linhadaguiста de primeira hora, tendo sido Presidente e Vice-Presidente da APLL

A revista *Linha d'Água* é um dos pontos no ponto da luta pela redemocratização do país. Ela está mergulhada na ampla cadeia de vozes articulada aos movimentos sociais que se (re)organizavam desde o estádio da Vila Euclides, passando pelos embates no campo, pelas manifestações de intelectuais, artistas, estudantes; redações, salas de aulas, sindicatos, partidos: efervescência múltipla e descentrada que permitiria eleger e derrubar presidentes, mas, sobretudo, dar consistência ao nosso presente estado democrático.

Naqueles idos de 1980 era imperioso criar uma associação com as características da APLL, mas também produzir uma publicação que permitisse ao ser e ao falar um reencontro que havia sido atropelado pela violência da ditadura.

Assumiram o projeto professoras e professores dos diferentes níveis e graus de ensino, dentre eles: Lígia Chiappini, Regina Pontieri, Tereza Vara, Zenir Campos Reis, Adilson Citelli, Suzi Frank Sperber, Nanami Sato, Beatriz Marão Citelli, Regina Hubner, Antonio Gil Neto, Alfredina Nery, Eliana Zuanella, Aparecida Neri de Souza, Claudionor Aparecido Ritondale, Valéria de Marco, Filomena Moreira da Costa, Mercedes de Gusmão Pinto, Suami Paula de Azevedo. Destes me lembro, os demais me perdoem. Em reuniões adentro e afora, pelas salas da FFLCH, da Casa da Cultura Japonesa, nas andanças pela Cidade Universitária da USP, pelos botecos, pelas casas generosamente cedidas, o projeto tanto da APLL como da Revista foi construído.

No caso da *Linha d'Água* estava em causa uma publicação que permitisse refletir, criar, problematizar, acerca das questões afeitas à língua e literatura em suas variadas articulações: teoria literária, cultura, história, comunicação, política, educação, programas de ensino, texto e contexto. E ainda, uma enorme vontade de interferir nos andamentos da vida brasileira, investindo na construção de uma sociedade plural, democrática, na dignificação da escola pública, no envolvimento com práticas didáticas e pedagógicas inovadoras, no combate permanente à educação bancária.

A idéia não era, portanto, apenas fazer mais uma revista, mas uma nova revista, compromissada em seus objetivos de servir como elo entre a pesquisa universitária, a reflexão teórica nos campos da língua e da literatura, e o ensino básico, abrindo espaços para que as múltiplas experiências educadoras se fertilizassem, aprendendo a aprender com os saberes por elas e entre elas acumulados. Em atitude de respeito e reconhecimento das diferenças, mas, sobretudo, no propósito de ativar as dinâmicas dialógicas entre os docentes, estivessem eles na universidade ou no ensino fundamental e médio.

Como se vê, o desafio era amplo e generosamente inserido nas circunstâncias da vida brasileira prenunciadoras das profundas mudanças que ocorreriam nas décadas seguintes. Ao completar trinta anos na estrada, *Linha d'Água* demonstra a pertinência e permanência da idéia que a constituiu: estar ao lado de uma educação de qualidade, democrática e capaz de inter-relacionar docentes, escolas, alunos, funcionando como mediação importante para os professores de língua e literatura realizarem e divulgarem os seus projetos de ensino e pesquisa.

Ao aniversariar ingressando na maturidade, Evoé, *Linha d'Água*.

As citações e referências espalhadas pelo texto são uma forma de homenagear alguns autores, textos, situações e pessoas que de algum modo povoavam as nossas conversas naquele momento de criação da *Linha d'Água*: Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Elis Regina, Chico Buarque, Gianfrancesco Guarnieri, Guimarães Rosa, Torá/Bíblia Cristã, Glauber Rocha/Corisco, Castro Alves, Jards Macalé e Capinan, João Cabral de Melo Neto, Antonio Candido, Mikhail Bakhtin, Baco/vinho. No plural, o singular.